

UM CANDIDATO

RUBEM BRAGA

PARECE que surgiu, entre os chamados "Três Grandes", a idéia de fazer um programa antes de escolher um candidato. Essa idéia, à primeira vista, é bonitinha, mas examinada com mais atenção só serviria para atrapalhar. Não há diferenças sensíveis entre os programas da UDN, do PSD e do PR. Não há nada mais fácil do que pegar esses três programas e dali fazer uma rápida mexida, extraindo um programinha para o candidato. Acontece, de resto, que a grande maioria dos membros (incluindo muitos chefes) desses três partidos, jamais leu esses programas...

A escolha do candidato tem de obedecer, é claro, às circunstâncias políticas. Em primeiro lugar ele deve ser capaz de contar efetivamente com o apoio dos três partidos. Em cada um desses partidos há homens que os outros não aceitariam. Para dar um exemplo: a UDN não engoliria o nome do sr. Nereu Ramos. Em seguida é preciso pensar que, apesar de serem os partidos nacionais, o Brasil continua a ser dividido em Estados. Dos Estados em que esses três partidos têm força real o maior é Minas. Manter o bloco mineiro unido será pelo menos difícil se o candidato não for mineiro. Da UDN ou do PSD? Nenhum dos dois partidos relutará muito em aceitar um candidato de outro, uma vez que fique com o governo estadual. Acontece, porém, que um candidato da UDN teria mais facilidade em obter o apoio da Bahia e de outros blocos eleitorais.

Outra coisa a exigir de um candidato que val enfrentar o quererismo é que não se tenha comprometido na política do Estado Novo. Para enfrentar os chamados "populistas" convém que não seja um reacionário, mas um homem de idéias arejadas, um democrata verdadeiro, capaz de conquistar, ao longo do país, as simpatias da classe média e de setores

da classe operária. Um homem cujo nome já seja conhecido do país, e seja um nome limpo.

* * *

Nem a política nem o futebol têm essa lógica fácil com que escrevemos o começo desta crônica. Com mais uns dois ou três argumentos seria fácil ir fechando o círculo até chegar ao sr. Milton Campos.

Quando o sr. Milton Campos foi feito candidato ao governo de Minas, fiz uma crônica lamentando que ele não fosse ser eleito. Mas os políticos mineiros e brasileiros são tão inconscientes e tão complicados em suas manobras politiqueras que no fim são capazes de tudo, até de um gesto de sabedoria. E tivemos o sr. Milton Campos em Minas, como tivemos o sr. Otávio Mangabeira na Bahia. Basta olhar esses dois Estados para perceber que a esperança que temos de um governo equilibrado e progressista está na eleição de um desses dois homens. Se dos dois parece ser o Milton Campos o de mais "chance", por que não o fazer candidato?

Parece certo, hoje, principalmente em face do progressivo desmascaramento de sua ala quererista, e de suas divergências internas, que o PSD não poderá levar ao pleito tantos eleitores quanto a UDN. Não é mais possível acreditar com facilidade em sua qualidade de "majoritário". Um bom candidato da UDN teria muito mais "chance" na luta contra o quererismo do que um pessedista.

Quem leu o discurso feito pelo sr. Milton Campos em Juiz de Fora e acompanha sua atuação no governo de Minas, quase sempre feliz e sempre inspirada por um alto e legítimo espírito público, não pode deixar de pensar nisso: não merecerá o Brasil um homem realmente sério e realmente inteligente?

Esta crônica parecerá ingênua, talvez, aos que estão a par das tréguas e futricas de nossa política. Na realidade as coisas se apresentam de outro modo, são encaradas de outro jeito... Não sei. Consolo-me com a grande maioria das pessoas, consolo-me com o povo, que também não sabe essas coisas — mas que, entretanto, é que vai escolher o presidente...

11.9.49

234